

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E MEMES DO BODE GAIATO: COM A PALAVRA, DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO INTERIOR DA PARAÍBA

Marina Alves do Carmo¹
André Luíz Sousa-Silva²
Camila Beatriz Balbino dos Santos³
José Gabriel Farias de Brito⁴

RESUMO

Com a sociedade hipermoderna, é comum notar que, atualmente, os jovens se expressam e se comunicam por meio de recursos digitais, fazendo-se necessário introduzir nas aulas de língua materna estudos que contemplem gêneros dessa natureza. Nessa perspectiva, o presente artigo, de cunho qualitativo, tem como objetivo geral analisar a compreensão linguística de 7 (sete) professores de língua portuguesa, atuantes na educação básica do município de Itapororoca-PB, para que possamos averiguar como enxergam o uso de *memes* do *Bode Gaiato* na sala de aula. Justificamos nossa intenção por compreender que os docentes podem observar e contemplar esse gênero emergente na prática de ensino/aprendizagem, favorecendo atividades relevantes para proporcionar conhecimento acerca dos fatores linguísticos e extralinguísticos que corroboram o desenvolvimento do fenômeno da variação linguística, a partir da usualidade de recursos digitais, para assim, proporcionar uma educação que atenda às necessidades contemporâneas, além de contribuir para a desconstrução do preconceito linguístico. Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos de Bortoni-Ricardo (2004), Antunes (2007), Mollica (2020) para fundamentar a variação linguística e ensino de língua portuguesa junto a BNCC (Brasil, 2018), a qual norteia a prática pedagógica para a educação. Também fazemos uso dos postulados teóricos de Bakhtin (1997), Marcuschi (2010), Paula (2011) e Bezerra (2017) para discorrer sobre os gêneros textuais/discursivos e para discorrer sobre gêneros digitais: Rojo & Barbosa (2015), Paiva (2018), entre outros. Por fim, identificamos que os professores reconhecem a relevância de novas práticas pedagógicas, considerando o estudo da variação linguística contextualizada a diferentes gêneros textuais/discursivos, inclusive os memes do Bode Gaiato, ainda que nem todos já tenham feito uso desse item sociocomunicativo.

Palavras-chave: Variação linguística, Gênero digital, Meme do Bode Gaiato, Ensino.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, temos como interesse a conscientização sobre a variação linguística, galgando a compreensão da inexistência das noções de “certo” ou “errado” na língua, para fins de uma Educação Linguística (cf. Bagno & Rangel, 2005). Para isso escolhemos o gênero

¹Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, marinaalves8047@gmail.com;

²Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (PROLING/CAPES) – UFPB, andreluiz.bans@gmail.com.

³Graduanda em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, camilabeatriz.balbino@gmail.com.

⁴Graduando do curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, gabrielfariasletras@gmail.com.

digital *meme*, haja vista ser muito utilizado e compartilhado nas redes, principalmente por aqueles que têm idade escolar. Assim, consideramos o trajeto de vida dos jovens discentes. De modo que, através da leitura de gêneros digitais, seja possível refletir e se conscientizar, a fim de contribuir para a compreensão sobre a diversidade linguística e o preconceito linguístico.

Justificamos nossa intenção por compreender que os docentes podem observar e contemplar esse gênero emergente na prática de ensino/aprendizagem, favorecendo atividades relevantes para proporcionar conhecimento acerca dos fatores linguísticos e extralinguísticos que corroboram o desenvolvimento do fenômeno da variação, a partir da usualidade de recursos digitais, a fim de proporcionar uma educação que atenda às necessidades contemporâneas.

Isso posto, o presente artigo tem como objetivo analisar a compreensão linguística de 7 (sete) professores de língua portuguesa, atuantes na educação básica do município de Itapororoca-PB, para que possamos averiguar como enxergam o uso de memes do Bode Gaiato na sala de aula para que assim possamos verificar o tratamento que dão à variação linguística, com auxílio de gêneros textuais/discursivos⁵ e digitais. Para atingir esse objetivo, tomamos uma metodologia de cunho qualitativo, que foi realizada através da participação dos professores através da ferramenta *Google Forms*. A pesquisa conta com a participação de 7 (sete) docentes de língua portuguesa atuantes em escolas públicas ou que executam à docência, simultaneamente, em escolas públicas e privadas do município.

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos de Bortoni-Ricardo (2004), Antunes (2007), Mollica (2020) para fundamentar a variação linguística e ensino de língua portuguesa, postulados teóricos de Bakhtin (1997), Marcuschi (2010), Paula (2011) e Bezerra (2017) para discorrer sobre os gêneros textuais/discursivos e sobre gêneros digitais trabalhamos com Rojo & Barbosa (2015), Paiva (2018), entre outros. Por fim, é válido mencionar que este texto é um recorte teórico-analítico de Carmo (2022).

REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, Bortoni-Ricardo se destaca como precursora acerca dos estudos na perspectiva da Sociolinguística Educacional (SE). Então, fica em evidência como os estudos sociolinguísticos têm validade para o ensino de línguas, sob a noção de que é necessário que educadores reflitam e alterem suas práticas docentes, a fim de que ao ensinarmos as categorias da gramática normativa, não desprestigiemos as variantes linguísticas, aquelas que

⁵ Os termos serão utilizados como intercambiáveis, considerando que os dois se referem a estruturas sociocomunicativas relativamente estáveis.

aprendemos em nossas casas, no convívio com nossos familiares e amigos, bem como em outros variados contextos e na interação com diferentes interlocutores. Por isso, nossa língua é também nossa identidade. Compreendemos o quão importante é o saber no que tange à gramática normativa, porém, a língua não é apenas um conjunto de regras tampouco produto idealista. Portanto, Bortoni-Ricardo (2004, p. 38, grifos nossos) afirma que:

[...] é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, **uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam na escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre as diferenças.**

Para tanto, a SE busca instrumentalizar os educadores de língua para se tornarem conscientes que é mito a existência “[...] de uma língua uniforme, sem variação, sem adequação à situação que é usada e, lá no fundo, o outro mito de que a norma culta é inerentemente melhor que as outras” (Antunes, 2007, p. 104), ou seja, não existe uma língua que não apresente variação, mas que é importante conscientizar os alunos que é preciso monitorar sua fala a depender da situação de uso.

Portanto, trabalhar a variação linguística é compreender que fazemos parte de uma sociedade plural, sendo assim, é comum que exista ao menos duas formas de se falar uma mesma coisa, que diversos fatores contribuam para que isso ocorra. Assim, é importante salientar que independente do grau de formalidade do uso da linguagem, o objetivo é a comunicação. Então, notamos a importância dos estudos sociolinguísticos para combater a discriminação que pode acarretar em relação à língua(gem), como ressalta Mollica (2020):

Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima (Mollica, 2020, p. 13).

Compreendemos que ainda é muito difícil trabalhar com proposições da Sociolinguística em sala de aula, pois muitos professores não têm formação adequada e/ou continuada para favorecer aulas de língua portuguesa além do que é proposto pela gramática normativa. Assim, notamos a importância de professores recorrerem aos documentos oficiais para buscar encaminhamentos pedagógicos relevantes para o processo de ensino/aprendizagem, em que os discentes possam praticar a linguagem no seio de práticas sociais, de modo, a se tornarem conscientes sobre o fenômeno da variação linguística, por exemplo.

A *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) apresenta um conjunto de habilidades que buscam assegurar uma educação pública de qualidade para todos, na qual são listadas

competências para cada área de ensino e dividido para cada ano da educação básica. Nesse documento são destinadas algumas habilidades específicas para o ensino fundamental, como “compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (Brasil, 2018, p. 65).

É importante pensarmos em um ensino que trabalhe a gramática normativa como um modelo de língua com finalidade específica, sem apontar o que é “certo” ou “errado”, o que é “adequado” ou não no contexto da comunicação, pensando muito mais em contextos de maior ou menor monitoramento. Para isso, é pertinente a utilização dos gêneros discursivos/textuais para o reconhecimento das possibilidades linguísticas, haja vista só conseguirmos nos comunicar através desses mecanismos sociocomunicativos, uma vez que Bakhtin (1997) argumenta que só se é possível comunicar verbalmente por meio de gêneros, sendo eles responsáveis pelas atividades humanas que sejam mediadas pela língua(gem).

Com isso, entendemos a língua como um recurso social, histórico e cognitivo, a qual é contemplada na realidade do sujeito. E, “é nesse contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo, constituindo-o de algum modo” (Marcuschi, 2010, p. 23). Dessa forma, o gênero atenta para o campo social, de modo a considerar sempre a realidade do sujeito; já quanto ao gênero textual, dispõe-se a exercer uma função específica na comunicação, apesar de entraves da nomenclatura, ambos têm sempre a finalidade de comunicar algo a alguém. Assim, no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa, os docentes devem contemplar diversos gêneros textuais/discursivos, a exemplo dos hipergêneros que surgiram com o advento da internet.

Com o avanço das inovações tecnológicas, tivemos que nos adaptar às mudanças que surgiram no que se refere à comunicação humana, em que os encontros presenciais deram espaço aos encontros virtuais via redes sociais e um “novo” mundo em que as cartas já não chegam, pois foram substituídas por e-mails. Assim, na contemporaneidade, a comunicação se tornou mais dinâmica com o advento da internet e, com novos veículos condutores da comunicação, nasceram os gêneros digitais, para atender a novas demandas comunicativas.

Com as novas tecnologias cada vez mais presente em nossas vidas, a educação tende a acompanhar essas evoluções. Dessa forma, os documentos norteadores da educação brasileira buscaram maneiras para introduzir práticas educativas mais modernas, considerando que os discentes estão completamente inseridos no “mundo” tecnológico. Nessa conjuntura, Rojo & Barbosa (2015, p. 135) enfatizam: “as demandas sociais devem ser refletidas e refratadas criticamente nos/pelos currículos escolares”.

Na direção dessa ideia, a BNCC pretende inserir novos gêneros que suscitem maior interesse e interação nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de oportunizar um ensino/aprendizagem que siga os avanços tecnológicos, de modo que a cultura digital possa proporcionar benefícios aos educandos. Como se vê, o acesso a novos gêneros permite ampliar a compreensão dos enunciados e tornar as aulas mais interativas pela lógica do próprio objeto. Diante do universo dos “novos” gêneros, elegemos o *meme* do *Bode Gaiato* como objeto produtivo para a discussão.

Destarte, é pertinente o estudo dos *memes* pela ótica da Sociolinguística, de modo a contemplar a diversidade linguística presente nos gêneros digitais. Para tanto, fixamos nosso estudo no *meme* veiculado pela fanpage do *Bode Gaiato*, um perfil criado, a princípio, na rede social *Facebook*, por um jovem pernambucano, que utiliza da linguagem e cultura nordestinas para reproduzir de maneira cômica e/ou irônica temas que se destacam midiaticamente, estilizando os memes com aspectos do falar nordestino.

Assim, um outro fato bastante pertinente nesse *meme* é que o diálogo acontece geralmente no seio familiar, local que costumamos utilizar nossas variedades linguísticas sem estarmos sendo monitorados ou nos monitorando. Portanto, afirmamos que trabalhar com o gênero digital *meme*, especialmente os do *Bode Gaiato*, é de grande valia para contemplar estudos da variação linguística, promovendo reconhecimento cultural e empoderamento linguístico num movimento transcultural em sala de aula.

Um estudo realizado por Paiva (2018) se deu a partir de uma proposta de intervenção numa escola pública de Campina Grande – PB estabelecendo uma relação reflexiva sobre os usos da língua escrita/falada, a qual destaca o fenômeno da Variação Linguística presentes nesse gênero digital. Nessa constância, a autora escolheu para o *corpus* de suas análises *memes do Bode Gaiato*, considerando sua vasta propagação em redes de comunicação social, a qual se desenvolve a comunicação virtualizada.

A autora também caracteriza os *memes do Bode Gaiato* a partir das proposições de Bakhtin (1997) a respeito dos elementos que compõem cada gênero textual/discursivo. Diante disso, Paiva (2018) expõe, acerca da estrutura composicional do gênero *meme do Bode Gaiato*, em que se faz a mescla entre imagens e textos escritos e possui uma linguagem híbrida. Além de seu conteúdo temático ter um segmento polêmico e relevantes para descrever a sociedade, neste sentido, a autora caracteriza o estilo dos textos do *Bode Gaiato* que são marcados pela presença da comicidade crítica e satírica.

Além dos aspectos caracterizados do gênero *meme do Bode Gaiato*, Paiva (2018) salienta que, o gênero *meme* está relacionado as concepções dialógicas de Bakhtin (1997), a

qual corroboram a compreensão de que toda comunicação oral/escrita possui intenções, que surgem de uma ideia, ou até mesmo de um já dito, mas, cabe a nós as identificarmos ou não. As motivações de Paiva (2018) para a escolha dos *memes* do *Bode Gaiato* para compor seus estudos, visaram a galgar um ensino ressignificado acerca das práticas pedagógicas voltadas ao ensino/aprendizagem da Variação Linguística.

Nessa direção, podemos destacar o relato de experiência de Souza-Silva & Lopes (2020, p. 447) quando afirmam: “podemos refletir sobre adequação linguística, respeito à diversidade cultural, compreensão das críticas diante dos mais variados textos, bem como a promoção do respeito a toda e qualquer variedade linguística [...]”. Desse modo, os autores afirmam a importância de promover a leitura e reflexão de variados gêneros textuais/discursivos e os digitais nas aulas de língua portuguesa, a fim de proporcionar um ensino de língua que atenda as demandas da hipermodernidade.

METODOLOGIA

Sobre a construção do *corpus* de investigação desta pesquisa qualitativa, convém salientar que os dados analisados foram coletados nas duas primeiras semanas de janeiro de 2022, por meio de recurso digital devido à pandemia da Covid-19, para que a pesquisa ocorresse com maior segurança para todos os envolvidos. A coleta dos dados foi feita a partir da plataforma *Google Forms*, pelo envio de link para os docentes por meio das redes sociais *WhatsApp* e *Instagram*.

No questionário em questão, lançamos perguntas diversas, das quais destacamos as seguintes: 1) Você já trabalhou com os memes do Bode Gaiato em suas aulas? e 2) Caso fosse levar para a sala de aula um meme do Bode Gaiato para uma análise, quais aspectos sociais e linguísticos você poderia focalizar junto aos discentes?

No tocante aos sujeitos envolvidos na pesquisa, estes são docentes de Língua Portuguesa que atuam na rede básica de ensino – pública e privada – do município de Itapororoca-PB, o qual está localizado na Mesorregião da Mata paraibana, há aproximadamente 69 km da capital João Pessoa, tendo uma população estimada pelo último censo em 2022 de 18.382 habitantes, segundo o *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE)⁶.

A pesquisa realizada contou com a participação de 7 (sete) docentes da rede pública e privada do município de Itapororoca – PB, sendo 6 (seis) professoras e 1 (um) professor. Entre

³ Informações obtidas do site: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/itapororoca/panorama>>. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

os participantes, identificamos participação de 57,1% de docentes atuantes em instituições de ensino público e um percentual de docentes que atuam simultaneamente em instituições públicas e privadas: 42,9%. No decorrer da coleta de dados, esclarecemos aos nossos participantes que seus dados pessoais e sua identidade seriam resguardados, para que assim pudessem se sentir mais à vontade para responder as perguntas.

De início, identificamos uma participação maior de pós-graduados (*latu e stricto sensu*), maioria com idade entre 25 e 31 anos, também sendo a maioria atuante há mais de dez anos em escolas tanto de rede pública quanto de rede privada.

Essas informações são necessárias para uma leitura mais apurada dos dados, uma vez que podemos identificar a formação acadêmica, idade, tempo de atividade docente e *locus* de ação docente, porém, em nossa análise não nos intenciona fazer uma análise estratificada a partir de cada condicionador social e/ou pedagógico. Por isso, consideramos importante destinar 5 (cinco) questões do questionário para a caracterização dos informantes e 2 (duas) questões para que possamos refletir acerca do trato dado a inclusão do gênero digital em salas de aula de Língua Portuguesa, em especial aos memes do Bode Gaiato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, apresentamos as análises realizadas acerca da problemática lançada em nosso estudo e iremos refletir a respeito de duas questões que destinamos para compreensão sobre as respostas dos professores de língua portuguesa sobre o que acham do trabalho com os *memes* do *Bode Gaiato* em salas de aulas. A primeira questão é de cunho objetivo, na qual sugerimos aos docentes que assinalassem suas respostas entre “sim” ou “não”. Então, questionamos aos colaboradores o seguinte: **você já trabalhou com memes do Bode Gaiato em suas aulas?**

A essa questão, observamos um quantitativo referente às respostas dos docentes participantes da pesquisa, em que a maioria (71%) afirmou **não fazer uso** dos *memes Bode Gaiato* em suas aulas. Assim, compreendemos que, alguns docentes atuantes na educação básica do município de Itapororoca, sejam eles, da rede pública ou privada, não se utilizam desse gênero digital que aborda a linguagem nordestina e os elementos culturais presentes nessa região brasileira, ainda que atuem na rede de ensino de uma localidade nordestina.

Observamos, portanto, a necessidade de conscientizar os docentes por meio de incentivos voltados a uma formação continuada, para que possam desenvolver atividades que contemplem os discentes como agentes do aprendizado, de modo que os alunos possam se sentir inseridos, se identificar e, conseqüentemente, alcançar uma reflexão sobre as variedades linguísticas a partir da análise de *memes* do *Bode Gaiato*, haja vista pontuarmos, aqui, a prática

docente de um município paraibano, mas que nem todos que nele residem são de origem nordestina. Nessa constância, Paiva (2018, p. 118) afirma o seguinte sobre o Bode Gaiato:

[...] rico material para se trabalhar a variação linguística sob a ótica de outras comunidades de falantes. Considerando um gênero de circulação instantânea que extrapola as fronteiras territoriais e sua aceitação entre os usuários digitais, o *meme* “Bode Gaiato” torna-se uma proposta didática consistente para os estudos da variação linguística, comumente restrita ao personagem Chico Bento e a textos de compositores como Adoniram Barbosa, Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré.

À luz de Paiva (2018), observamos que o trabalho da variação linguística ainda está muito restrito a atividades voltadas a conteúdos habituais, assim como a exemplos que são frequentes nos livros didáticos. Então, é necessário que docentes de Itapororoca abordem, em suas aulas de língua portuguesa, gêneros discursivos/textuais que valorizem e resgatem a identidade nordestina, acrescentando propostas para além das que constam nos livros didáticos. Contudo, também notamos que há professores - 29% - que trabalham ou já trabalharam com o texto virtual do “Bode Gaiato”. Ou seja, há engajamento de práticas que possam atrair os educandos para refletir e valorizar as variedades linguísticas, bem como problematizar assuntos da sociedade globalizada.

Junto a essa questão, selecionamos um *meme* do *Bode Gaiato* que apresenta fenômenos linguísticos, bem como as características culturais da região Nordeste. Sobre o *meme* selecionado, segundo Souza-Silva & Lopes (2020, p. 443), identificamos “[...] temática da vida cotidiana, da relação entre os familiares e dos comportamentos humanos.”. Ou seja, apresentamos aos docentes um possível texto virtual para trabalhar a variação linguística no contexto informal, em que a comunicação ocorre em meio ao seio familiar.

Figura 01: Limão no “suvaco”



Assim, nossa análise se detém a verificar de que forma os docentes utilizariam esse texto em aulas de língua portuguesa. Por essa razão, perguntamos o seguinte: **Caso fosse levar para a sala de aula esse meme do Bode Gaiato para uma análise, quais aspectos sociais e linguísticos você poderia focalizar junto aos discentes?** Abaixo, o quadro com as respostas:

Quadro 01: Respostas dos docentes

P. 01 – Resumidamente, poderíamos analisar o meme por meio das variações regional, estilística e social.

P. 02 - Poderia abordar aspectos sociais, estilísticos, o próprio gênero textual, o uso da linguagem. Certamente, seria um momento de aprendizagem e descontração.

P. 03 - Seria abordado o convívio familiar, onde é perceptível que não houve um acompanhamento educacional escolar e a criança é moldado de acordo com essa convivência. Ao ir à escola, em muitos casos, mesmo ouvindo e escrevendo as palavras de acordo com a Gramática normativa, o vício de linguagem permanece.

P. 04 - O texto acima apresenta um humor muito direto. De princípio, ocasionaria um interesse de parte dos alunos, pelo fato de ser uma página com um conteúdo muito engraçado. As palavras apresentadas, como: “geladêra”, “vô”, “suquin”, “suvaco”, são muito ouvidas no nosso cotidiano, e prontamente, os meus alunos saberiam do que se tratam. Nesse sentido, utilizaria o meme para destacar essa forma de linguagem, que não é errada, quando apresentada de forma oral, o que determina a forma de variação linguística, presente em determinada região do Brasil.

P. 05 - A linguagem usada para entender o momento.

P. 06 - Gênero meme (estrutura, finalidade etc.) Linguagem verbal e não-verbal, humor, variação linguística etc.

P. 07 - História, regional e social.

Fonte: Carmo (2022).

A partir da leitura das respostas dos docentes, percebemos o posicionamento favorável sobre a utilização do *meme* em destaque, em que os professores (01), (02), (05), (06) e (07) compreendem a importância do *meme* do *Bode Gaiato* para tratar de temas relevantes para o ensino/aprendizagem. Eles destacam, em suas respostas, a possibilidade de incluir tal gênero textual para desenvolver atividades voltadas à variação linguística, compreendendo que “no espaço digital, os *memes* disseminam instantaneamente contextos comportamentais e culturais entre indivíduos que se familiarizam em aspectos sociais, culturais e históricos abordados pelos mesmos” (Paiva, 2018, p. 54).

Como se vê, a proposta de se trabalhar com o *meme* do *Bode Gaiato* nas aulas de língua portuguesa pode ter importância para a valorização acerca das variantes linguísticas e, além disso, oportuniza abordar, junto aos discentes, o gênero digital *meme*. Pontuando os elementos estruturais do gênero *meme* e suas características, sendo ele marcado pela presença do humor, além da presença de uma linguagem verbal e não-verbal.

Não obstante, destacamos a resposta do professor (04) que pontua sobre uma das características principais do *meme*: o humor. Ressaltando que esse atributo cômico nas aulas de língua portuguesa ocasionaria em um momento interativo entre os envolvidos. Para que seja possível lograr êxito ao trabalhar a variação linguística, a partir do *meme* em destaque,

oportunizando um momento lúdico e reflexivo, no qual o respeito linguístico possa ser buscado. Como ressalta Bagno (2007):

O mais importante de tudo é preservar, no ambiente escolar, **o respeito pelas diferenças linguísticas**, insistir que elas não são “erros” e até mesmo tentar na medida do possível, mostrar a lógica linguística delas. Para isso, é claro, a professora tem de se preparar, fazer suas pesquisas, reconhecer os fenômenos que aparecem naquele material e tirar deles o melhor proveito (Bagno, 2007, p.125, grifos do autor).

Ainda sobre os dizeres do educador (04), destaca-se no texto palavras do nosso cotidiano, mas que não seguem as normas gramaticais e que não devem ser consideradas “certas” ou “erradas” tampouco devem servir como atividade de correção e, sim, conscientização acerca das motivações linguísticas e extralinguísticas que levam a língua a variar. Como bem exclamam Souza-Silva & Lopes (2020), há variedades fonético-fonológicas presentes no meme, como supressão e motongação, bem como variação lexical.

Depois, ao analisarmos o posicionamento do professor (03), observamos o destaque dado a variação linguística ocasionada pelo grau ou até mesmo a falta de escolaridade, marcantes na fala e na escrita dos personagens constituintes no *meme Bode Gaiato*. Assim, a resposta desse docente está ancorada na constatação de Bagno (2007, p. 44, grifos do autor) que reforça: “as pesquisas linguísticas empregadas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o **grau de escolarização** que, em nosso país, está muito ligado ao **status socioeconômico** [...]”. Dessa forma, ressaltamos que os fatores extralinguísticos são grandes influenciadores para a ocorrência do fenômeno da variação linguística, em que pessoas de classes sociais elevadas são privilegiadas pela possibilidade de estudar mais do que aqueles que possuem um nível de renda inferior.

Ainda sobre a resposta do educador (03), constatamos outro fator importante para o favorecimento das variedades linguísticas, sendo este, o convívio, muitas das vezes com familiares, em que a relação discursiva não apresenta monitoramento estilístico da língua. Por essa razão, o docente participante afirma que há casos em que o discente não tem contato com a norma padrão, e segue com sua linguagem moldada a partir da convivência com pessoas que desconhecem a norma padrão, para permanecer com os “vícios” de linguagem. Nesse cenário:

[...] para a representação discursiva, a linguagem não deve ser vista apenas pelo aspecto gramatical, mas deve ser entendida e explorada considerando-se os aspectos ideológicos. Destarte, elementos sociais e culturais que fundamentam uma ideologia estão presentes e refletidos na produção do discurso [...] (PAIVA, 2018, p. 50).

Em linhas gerais, os professores colaboradores (02), (03), (05), (06) destacam em suas respostas os aspectos da linguagem característica da região Nordeste, oportunizando um estudo

acerca da variação linguística. Não obstante, docentes (01) e (07) ressaltam sobre os fatores extralinguísticos, justificando em suas respostas que o fenômeno da variação linguística ocorre pela heterogeneidade social e cultural. Porém, o professor (04) se destaca por contemplar em sua resposta as características da usualidade da língua, que não deve ser considerada “errada”, compreendendo há fatores extralinguísticos que contribuem para a ocorrência do fenômeno.

Ao fim, conseguimos identificar que práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino de língua portuguesa, no município de Itapororoca-PB, necessitam de incentivos para o desenvolvimento de uma educação continuada que incentive as práticas pedagógicas contemporâneas. Todavia, compreendemos que o professor, algumas vezes, se sente encurralado pelas atividades educativas propostas pelo livro didático e pelo pouco investimento em recursos tecnológicos para o desenvolvimento de uma educação moderna e inclusiva, na qual os alunos estejam completamente inseridos no “mundo” virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das nossas discussões, não tivemos a intenção de apontar “erros” sobre as atitudes dos professores que atuam na educação de língua portuguesa, no município de Itapororoca–PB, e sim, apontar o posicionamento acerca dos fenômenos da variação linguística no contexto escolar, compreendendo os paradigmas da Sociolinguística Variacionista, que apresenta diferentes fatores para a ocorrência desse fenômeno, bem como os estudos da Sociolinguística Educacional, que se preocupa em galgar por um ensino de língua real, considerando que a variação linguística ocorre por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Nesse sentido, consideramos que nossas análises e que as respostas dos docentes foram relevantes, proveitosas e oportunizaram uma reflexão. Assim, concluímos que os docentes envolvidos nessa pesquisa, em sua maioria, apresentam práticas pedagógicas relevantes ao ensino da variação linguística, compreendendo as diferenças geopolíticas, socioeconômicas e culturais dos educandos, que fortemente são refletidas no processo comunicativo. Portanto, enfatizamos a importância de uma educação reflexiva que possa conscientizar os docentes sobre a diversidade linguística, para que possamos, mesmo que em curtos passos, desconstruir o preconceito linguístico que ainda é muito latente em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2.ed. São Paulo: M. Fontes, 1997.

BAGNO, M. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M.; RANGEL, E. de O. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. V.5, n. 1, 2005, p. 63-81.

BEZERRA, B. G. Gêneros discursivos ou textuais? In: **Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceitos**. São Paulo: Parábola, 2017, p. 17-32.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CARMO, M. A. do. **Variação linguística e memes do Bode Gaiato: o que docentes de língua portuguesa da educação básica de Itapororoca – PB têm a dizer?** 2022. 69F. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2022.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONISIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010, p. 19-36.

MOLLICA, M. C. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L., (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2020, p. 09-14.

PAIVA, N. M. da S. **“Bode Gaiato”**: uma proposta para o ensino da variação linguística no livro didático. 2018. 171f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.

PAULA, M. R. de. Gêneros textuais no ensino: Contribuições às construções do sujeito de sujeitos e reflexivos e autônomos. In: OSORIO, E. M. R. (org.). **Mikhail Bakhtin e os gêneros do discurso na educação**. São Carlos: Predo & João, 2011, p. 191-200.

ROJO, R. H.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramento e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOUZA-SILVA, A. L.; LOPES, P. A. D. O trato da variação linguística contextualizado ao meme do bode gaiato: experiência de estágio numa escola pública de Guarabira – PB. In: STIN, C. C.; *et al* (Org.). **Semana de letras: Letras Ativas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020, p. 438-448.